

LITERATURA DE OUTONO

Érica de Oliveira & João Paulo Hergesel
(organizadores)

LITERATURA DE OUTONO

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras
• Alumínio, SP •
2018

Copyright © 2018 by Editora Jogo de Palavras

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

L776

Literatura de outono / organização: Érica de Oliveira; João Paulo Hergesel – 1. ed. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2018.

74 p. | 14 cm x 21 cm.

ISBN (edição física): 978-85-66626-44-5

ISBN (edição digital): 978-85-66626-45-2

1. Literatura brasileira. 2. Ficção.

I. Título.

CDD: B869.8 | CDU: 82-3

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP • 2018

www.jogodepalavras.com

Sumário

A zorra	7
<i>Joaquim Bispo</i>	
Manhã gloriosa	11
<i>Antonio Luiz Medeiros de Campos</i>	
Como as folhas	14
<i>Karoline Machado Póss</i>	
O calendário e a estação.....	19
<i>Evandro Valentim de Melo</i>	
Olhos secos	23
<i>Eugênio Borges</i>	
Um ladrão chamado outono	27
<i>Ítalo Ferreira da Silva</i>	
Saudade	33
<i>Driely Meira</i>	
50 anos	40
<i>Regina Prieto</i>	
A negação do destino	42
<i>Eugênio Borges</i>	
É o fim e o começo	43
<i>Edimilson Eufrásio</i>	
Plantar quase invisível	44
<i>Everson Alves Miranda</i>	
Outono da vida.....	45
<i>Maria Teresa Barreiros Pelica</i>	

Mudanças.....	47
<i>Iara Clarice Sabino</i>	
Estação	48
<i>Vanessa Ratton</i>	
Outono	49
<i>Cristina Bresser de Campos</i>	
Outonais dos acasos	50
<i>Carlos Arinto</i>	
Eterno amor de outono	52
<i>Wilson Duarte</i>	
Às vezes no cotidiano	54
<i>Iara Clarice Sabino</i>	
Curitiba, a instável.....	56
<i>Cristina Bresser de Campos</i>	
O outono de Manuela.....	58
<i>Eugênio Borges</i>	
Sorumbático amor	60
<i>Maíra Marques</i>	
Estágio, oh, estágio!.....	64
<i>Everson Alves Miranda</i>	
Sobre os autores	69

A zorra

Joaquim Bispo

A vida de Anselmo Carvalho, sempre acompanhada por uma corrente de consciência palradora, decorria num ramerrame pontuado pela regularidade pendular das refeições domésticas, a vacuidade dos programas televisivos e a futilidade dos seus passatempos, em que avultava o sudoku. Há muito tinha deixado o interior para conquistar a grande capital, que muitas vezes se revelara uma amante perversa. “Porra!” acudia-lhe aos lábios quando se lembrava desses tempos de desenraizado.

Na sua meia-idade, cultivava uma postura pouco ativa e vagamente agreste, como a árvore que lhe dava o sobrenome, e estava sempre disposto a deixar para melhor oportunidade alguma tarefa agendada. Trabalhar e competir tinham tido o seu tempo. Agora, reformado e apaziguado dos antigos afãs, Anselmo só queria sossego, algum silêncio, e desfrutar a boa-vida. Junto a um sofá onde fazia umas sextas tinha um pequeno quadrinho com a frase: “Que bom é não fazer nada e depois descansar!”

Nessa manhã acordou com um auspicioso sinal: o consolo gratificante de uma ereção. Era uma prova de vida mais relevante do que a habitual confirmação de conseguir mexer o dedo grande do pé em cada início de mais um dia. A sua mente, seduzida pelo

contentamento do físico, deixou-se invadir por um júbilo sereno. O dia que aí vinha só podia correr bem.

Pouco depois de verificar que a manhã prenunciava brindá-lo com as primeiras chuvas de outono, pegou no caderninho com problemas de sudoku que o entretinha por horas e instalou-se ao comprido no sofá da salinha, cabeça no braço do lado da janela, para apanhar o máximo de luz no papel.

Um sorriso subtil aflorou-lhe os lábios ao ouvir a chuva a bater na vidraça. Esticou os pés para a frente e para trás, que estalaram agradavelmente. Ia ser uma manhã daquelas!

Enquanto alguns dos seus ex-colegas tentavam continuar a ganhar dinheiro, e outros arranjavam depressões por se sentirem inúteis, Anselmo declarava que “Inútil” era o seu nome do meio e convivia bem com ele. “Quanto menos chatices, melhor!”

No fim dessa manhã teve a satisfação orgástica de terminar um problema de 16x16 que já o vinha deliciando havia três dias, como metodicamente anotara na margem do caderninho. “Ah, dia abençoado!”

Depois de almoço, como a chuva parara, deu um passeio até ao parque próximo de sua casa. O tempo estava fresco e agora eram brancas, em borbotões de algodão, as nuvens que evoluíam no céu estranhamente luminoso. Durante um pouco, aceitou o jogo das formas para o qual estas nuvens, autónomas e bem delineadas, sempre

convidavam. Uma pareceu-lhe uma ovelha, tão presente na sua infância no campo; outra, um torso feminino deitado.

Cães de apartamento frustrados, na ânsia de encontrarem almas-gêmeas pelo cheiro, arrastavam cinquentonas solitárias pela trela, ao longo das estreitas alamedas sinuosas em que já eram evidentes os despojos que o outono impõe às árvores. “Por baixo da roupa, todas vão nuas”, pensou.

Junto ao banco em que se sentara, chamou-lhe a atenção um formigueiro. Diligentes e sem hesitações, os insetos negros estavam a espalhar no chão em volta do buraco de entrada todos os haveres que a chuva da manhã tinha ensopado – sementes, pedaços de talos, folhas e carcaças de bichinhos vários. Depois de secos, voltariam a recolhê-los.

Deu uma volta pausada pelo parque. Num recanto onde a autarquia instalara mesa e cadeiras metálicas, um magote de outros reformados rodeava quatro compenetrados jogadores de sueca, saboreando provavelmente os seus requintes de estratégia. “Muito reformado há em Portugal!” Anselmo não se aproximou; cultivava o individualismo dos autossuficientes conterrâneos. “Formigueiros, não!”

Saboreando o sol oblíquo que alegrara a tarde, avançou para uma zona mais recôndita que confinava com uma área de mata. Ao fundo de uma álea, avistou a mancha arruivada de uma raposa, alerta, mas confiante, em incursão em território adverso. “Que bonita!” Há

quanto tempo não estava tão próximo de uma... Seguiu-a de longe, a observar o seu deambular furtivo e elegante. Aos poucos, embrenhou-se mais e mais na mata, o entusiasmo a fazer-lhe brilhar o olhar.

Era quase noite quando Anselmo chegou a casa. A mulher já estava preocupada, já tinha telefonado para os Bombeiros e para a Polícia a saber se tinha havido algum acidente com o marido. Toda a aflição desapareceu quando ele se desculpou com uma opção errada:

– Porra! Quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos!

Nessa noite dormiu de um sono só. No dia seguinte retomou o ramerrame quotidiano, com as divagações da consciência, os programas tontos da televisão, e, sobretudo, o seu sudoku.

Manhã gloriosa

Antonio Luiz Medeiros de Campos

Flutuando sem destino, até que me vejo em uma queda livre e caio no oceano, então meu rosto começa a queimar, as águas se tornam chamas e em um susto repentino abro os olhos... Ao meu lado vejo o intruso de meu sonho, um cigarro pela metade, ainda aceso, pego-o do chão ao meu lado, e o examino com o olhar por alguns segundos, a pessoa que o jogou já deve estar longe, e pra ser sincero nem a culpo, aposto que sequer me viu ali deitado na calçada.

Enquanto vou emergindo à realidade após um acordar tão brusco, dou umas tragadas em meu “despertador” e começo a observar as pessoas passando. Era interessante o quão rápido elas andavam, exalando as preocupações de suas agitadas vidas, em suas rotinas tão robóticas e a única coisa que me mostrava não estar preso no dia anterior, era ver o quão agasalhadas estavam, afinal de contas, até ontem o calor dominara e hoje, junto com algumas folhas da árvore na rua em frente a que eu estava, a temperatura também começara a cair.

Mesmo tão apressadas, passatempo tão intrigante era tentar adivinhar donde cada uma delas vinha e qual eram seus destinos. Uma mulher de meia idade, segurando duas crianças pelas mãos, de cabelo preso, um casaco por cima de uma roupa social e olhar tão estressado: uma mãe indo levar seus dois filhos para escola, para depois ir para um emprego completamente desgastante, onde ia ter que aguentar um

chefe escroto pelas próximas 8 horas, voltar para casa, aguentar mais algumas horas de brigas com o marido e ir dormir para então o ciclo recomeçar; um homem de sobretudo com uma pasta em uma das mãos, e na outra o telefone, por onde gritava e xingava alguém: um engenheiro em uma grande empresa, que ao começar a ser confrontado com a realidade de que não importando o quanto dinheiro faça por ter seguido a profissão do pai, isso não é suficiente para cobrir o vazio de não ter feito o que realmente queria está entrando em crise, e por isso uma mínima ligação cobrando seu atraso o fez explodir... Mas e antes disso? Talvez algum dia a curiosidade por entender como as coisas funcionavam possa ter feito os olhos deles brilharem e qualquer pensamento vago que passasse em suas cabeças com a ideia de que seus futuros fossem menos do que mudando o mundo parecesse uma completa tolice.

Eu sempre tive essa filosofia, de que cada pessoa fosse um universo, feito de cada experiência, cada paixão que criava uma visão de mundo única, as variáveis eram infinitas, de alguém que ficasse boquiaberto com prédios e construções ao seu redor, até quem se perdesse por entre as estrelas ao observá-las; de alguém que achasse mágicas as sensações que o sabor de cada comida causasse, até alguém que sonhasse em enumerar e catalogar todas as folhas de árvores do mundo, mas uma coisa nunca mudava, quando começavam a falar de suas paixões sempre chegavam à frase: "Eu... Eu não consigo explicar, isso me chama uma atenção que não consigo entender, só me faz querer

mais!" até mesmo a euforia, e a notável sensação de estarem colocando algo pra fora maior que si mesmas se repetia, sensação tão forte essa que ao ouvir essas palavras me sentia parte daquilo também, porém esses foram outros tempos, e agora minha preocupação é que o cigarro chegou ao seu fim, e esse é só o começo dessa gloriosa e fria manhã.

Como as folhas

Karoline Machado Póss

Pela janela da sala de aula, observava a lenta queda das folhas desde os galhos mais altos daquela velha árvore até seu encontro com o chão, agora quase completamente tomado por uma mistura de tons de laranja, vivos ou amarronzados, que mantinham sua beleza e poesia mesmo após sua descida ao plano regular.

Evitava até mesmo piscar, para não perder um segundo sequer de toda aquela graça gratuita que tinha a oportunidade de vivenciar, mesmo que com um vidro, uma grade e algumas dezenas de metros a nos separarem.

Foi quando um batuque forte e rude que veio da direção oposta, quando a professora bateu com o apagador na lousa com o único intuito de chamar a minha atenção, acordando-me de meu transe sublime e poético.

– A rua está mais interessante que a minha aula, Aurora?

– Não – menti.

– Então foque sua atenção no que digo.

E voltou a falar alguma coisa sobre alguma escola literária, o que, sinceramente, me pareceu uma grande hipocrisia. "Como pode falar tanto em literatura, em poesia, na beleza das palavras, se não é capaz de apreciar os poemas naturais?", questiono mentalmente, embora um suspiro escapasse audível por entre meus lábios,

desanimada. Volto meu olhar à janela por uma última vez naquela manhã, despedindo-me das folhas que continuavam a cair com ou sem a minha supervisão, e então tento concentrar-me nas palavras vazias da hipócrita professora. Felizmente era a última aula e não demoraria muito a tocar o sinal que anunciaria que estávamos finalmente livres de toda aquela prisão educacional que tenta controlar até mesmo o caminho de nossos pensamentos, livres para podermos pensar no que quisermos e fazer o que quisermos. Pelo menos até às oito horas da manhã seguinte.

Recolho todo o meu material, guardo-o na mochila e sigo para fora daquela sala pequena e desgastada pelo uso e pelo tempo, não aguentando mais passar um segundo sequer no local. Entretanto, em vez de ir para casa como todos os meus colegas – colegas apenas, não sei se posso realmente considerar algum deles como meu amigo ou amiga, já que nunca nos encontramos fora do horário de aula a não ser para falar sobre a escola e colocar em prática suas obrigações -, sigo para o jardim dos fundos da escola, aquele mesmo em que meus olhos estavam fixados durante a aula.

Não há nenhuma regra que proíba os alunos de permanecerem na escola fora do seu horário de aula, mas também não há nenhuma que os permita, em exceção pela extensão da biblioteca, para pesquisas acadêmicas, mas nada que fale sobre o jardim do campus.

Sento-me no chão encostada à árvore, deixo minha mochila ao lado de meu quadril e abro-a, retirando dela um livro desses que

nenhum professor recomendaria a um aluno, com aquele famoso preconceito contra a literatura de massa. Coisa ridícula, eu diria. Adoro me deleitar nesses romances fantásticos, mas não fantasiosos, prefiro os mais realistas, mas anda cheios de reviravoltas amorosas, novelísticas, de tirar suspiros a cada desencontro.

Fico imaginando como seria a minha vida se eu fosse a protagonista de um livro, mas esse pensamento me deixa deprimida. Às vezes sinto que a minha vida está sendo gasta em desperdícios, que não estou vivendo o suficiente. Desperdiço os momentos de aula pensando nas folhas, desperdiço meus momentos livres fazendo coisas que provavelmente não terão nenhuma utilidade se não o lazer e satisfação pessoal.

Eu poderia estar me preocupando com outras coisas, pensando em outras coisas, fazendo outras coisas. E refiro-me a coisas que a sociedade possa considerar útil. Trabalhar. Estudar. Pensar no futuro. Sei lá, até mesmo me envolver em um relacionamento amoroso de verdade em vez de só ficar fantasiando com os protagonistas fictícios das obras que tanto gosto de ler.

Tenho a breve impressão de que estou só caindo, como essas folhas, das árvores. Mas então, lembro-me do quão belo eu acho o seu deslizar nos ventos, do quão gracioso é o seu feito que, ainda que signifique o início de seu fim, deixa o chão coberto de cores incríveis, com uma paleta natural. Na palavra que eu sempre gosto de usar, poética. E que minha vida também é poética, à sua medida.

Sou nova, tenho minhas obrigações, mas também tenho a minha liberdade juvenil. Liberdade tal que me dá o direito de ler essas obras que tanto amo, embaixo de uma árvore enquanto penso sobre o sentido da vida e percebo que a vida não precisa ter um sentido. Pelo menos não agora. Posso lidar com minhas obrigações e com meus prazeres ao mesmo tempo.

Quero ser assim como as folhas que não pensam em um sentido, em um rumo quando estão caindo, deixando a sua árvore para trás, encarando seu futuro com a certeza de que fizeram um bom trabalho. A minha poesia ainda está em desenvolvimento. Imatura para seguir em frente, mas já forte o suficiente para conseguir dar alguns passos. E, se eu gosto tanto disso que estou vivendo no momento, do vento batendo em minha face enquanto leio, talvez seja isso que eu queira fazer no futuro. Ler. Escrever. Manter-me em contato com a literatura e com a natureza. Meu Deus, acabo de descobrir o meu plano de vida. Quem diria que um simples pensamento de outono me proporcionaria isso? Será que devo levar adiante esse pensamento? Contar para alguém? Buscar formas de já começar a colocar isso em prática? Ai, meu Deus, lá vem aquela onda de pensamentos de insuficiência e desperdício de tempo novamente.

Foca, Aurora. Foca.

Então, penso que talvez eu não deva me importar tanto com isso, pelo menos não agora. Que talvez seja mais interessante curtir o meu outono aqui com a árvore, com o meu livro, adquirindo forças e

bagagem antes que chegue o meu momento de partir para uma nova fase da minha vida.

Já pensou em sair sem malas para uma longa viagem? Estarei me preparando para isso. No meu ritmo. E, quando esse momento chegar, o farei sem preocupações, mas também sem negligências, com o sentimento de que cumpri com tudo o que eu queria e que estarei pronta para a minha viagem de inverno. Para o meu inverno.

O calendário e a estação

Evandro Valentim de Melo

Paradoxalmente, o mês dedicado às noivas foi aquele em que o noivado de Clara chegou ao fim. No primeiro dia, feriado dedicado aos trabalhadores, o epílogo inesperado. Ela não percebeu os sinais, ou pior, não quis vê-los?

Dias de absurdo sofrimento, vividos às escuras, em seu quarto outrora tão iluminado.

Ainda que não quisesse, foi obrigada a compartilhar a tragédia shakespeariana pessoal com seu chefe, pedindo-lhe para usufruir os dias de folga não utilizados de seu banco de horas. Muitas horas. Solidário, o chefe autorizou o afastamento por todo aquele mês.

No terceiro dia, internacionalmente dedicado ao sol, apenas réstias do astro-rei e, de maneira clandestina, desrespeitaram as fronteiras do exílio autoimposto.

Em seis de maio, que o calendário diz ser dia da coragem, a covardia de Clara para enfrentar a nova condição imperava. O futuro sem o parceiro de tanto tempo a amedrontava.

Insone, exceto pelos rápidos cochilos acompanhados de pesadelos, a jovem adentrou no sétimo dia de maio, em que se comemora o dia do oftalmologista. Definitivamente, ela deveria ter se consultado com um. Talvez um par de óculos corrigisse a hipermetropia, favorecendo-a a enxergar a relação que erodia a um

palmo de seu nariz. Não o fez e sofreu em silêncio que, coincidentemente, também se homenageia na data.

A recaída do dia oito foi tremenda. Quase a desmaiar, em um lapso de racionalidade, reagrupou energias e se obrigou a ingerir algum alimento. Foi como se a Cruz Vermelha a resgatasse do fundo do poço, para conduzi-la à superação. A folhinha do calendário informava ser o dia daquele admirado grupo de socorristas e, também, devotado à vitória. Aquela batalha foi vencida por Clara.

Acreditou ser o passo foi decisivo à superação. Vã ilusão. Em doze de maio, dia nacional do enfermo, a recaída. Corpo e alma como presos, fustigados no pelourinho. O dia da abolição da escravatura encontrou-a em estado deplorável.

Segundo domingo de maio: revisitou-a o sonho da maternidade. Ainda seria mãe? Clara não desejava criar filhos sozinha e, sim, como parte de uma família à moda antiga: pai e mãe cem por cento responsáveis pela concepção, seguida de uma gestação cheia de desejos, como ocorrera com sua própria mãe, que comeu lascas de tijolos para saciar um. Depois as crianças que seriam muito bem-educadas.

No dia 15, tudo o que almejava era desabafar e chorar nos ombros de sua amiga Marlene, assistente social. Esta, desconhecendo o estado da amiga, viajava em férias. Provavelmente, nem se lembrava de que sua profissão era homenageada nesta data.

Restou a Clara esforçar-se para represar o pranto e varrer as lágrimas já caídas para a lixeira, como bem o fazem os garis, lembrados por algum político, que a eles dedicou o dia 16.

Felizmente, existem os amigos verdadeiros, aqueles que não mandam recado, como se fala em um dos muitos ditados populares. O relógio marcava onze da manhã, quando Clara ouviu a campainha e deu graças aos céus pelo som que a retirou da redoma do isolamento. No olho mágico, Caio: cúmplice de suas desventuras, desde a adolescência. Destrancou e abriu a porta. Jogou-se nos braços do visitante, agarrando-o desesperadamente, como faz um náufrago à boia salvadora. O abraço, ato de afeto celebrado em todo o Brasil no dia 22, pareceu concentrar-se naquele entre os dois.

Conversaram longamente até o crepúsculo apresentar-se. Ao despedir-se, Caio acreditava, e estava certo ao fazê-lo, que Clara aparentava um astral bem diferente daquele com o qual abriu a porta.

A solidão, aos poucos, atraiu companheiros indesejáveis. Os medos da fase desconhecida a algemaram, a amordaçaram e a trancafiaram de novo no quarto escuro. Breve soneca e novo pesadelo, enviado sob medida por Morfeu, a acordou. Já era 24 de maio, dia que se harmonizava ao estado psicológico e quase literal de Clara, o dia do detento.

A maior batalha daquele mês se travou nos dias subsequentes. Desespero versus superação. Baixas em ambos os exércitos. Na manhã de 30 de maio, dia do desafio, Clara procurou fazer valer um dos

significados conferidos a seu nome: iluminou seu lar. Cortinas e janelas escancaradas, prolongado banho morno, na contramão do racionamento de água e um desjejum digno de rei.

Clara telefonou à clínica do médico que acompanhou seu pai até que ele partisse para o outro lado da vida, vítima do Mal de Alzheimer. Não sabia o porquê, mas precisava conversar com ele. Na grande guerra que a consumia desde o início do mês, o desespero vencia mais batalhas que a superação.

No percurso entre sua casa e a clínica, Clara passou por locais que a fizeram recordar diversos momentos especiais vividos ao lado do, agora, ex-noivo. As lágrimas, qual represa aberta, inundaram sua blusa. A melancolia se apossou daquela mulher.

Pleno outono, estação marcada pela queda gradual da temperatura. A relação entre Clara e o ex-noivo esfriava. Ela não percebeu. Folhas ao chão, tal qual o ânimo, ou falta dele, amarelado e sem ter mais em que se amparar.

Longe de se recuperar da queda, doída pelo fim do romance em que tanto investira e perdida, Clara se sentou à frente do médico.

– Em que posso ajudá-la? – ele perguntou

Entre lágrimas, ela respondeu com um questionamento inesperado:

– O senhor também ajuda a esquecer?

Olhos secos

Engênio Borges

Essa chuva chegou inesperadamente, pousando o calor e os seus póis e pólens e trouxe um vento, que rodopiava com folhas de acácias e plátanos, empurrando-as contra o vidro da janela, que separava a minha vida daquele exterior molhado. O outono comparecia com força. De novo aquela sensação melancólica, cara colada ao vidro da janela, os prédios nas suas tristezas molhadas (choravam em barda pelos beirais das janelas). As árvores resfriadas pelo vento a adoecerem como gente debaixo daquela chuva, de vez em quando um espirro a lançar folhas ao vento. Minha vida limitada ao interior na observância dos objetos inanimados, mas com vida própria nas suas lembranças agarradas às suas formas. A almofada do sofá feita pela tia Clotilde:

– Sente-se nela menino, veja como é macia, e eu a sentar-me dando razão e ela a sorrir mostrando apenas gengivas, que não se habituaram à dentadura postiça.

Quis pôr a almofada debaixo da sua cabeça no seu caixão e minha mãe a não deixar:

– Ela fez para ti.

Tantas memórias nas coisas, o biscoito duma dama francesa do século XVII, que minha mãe dizia ser valiosa, mas que era feia que só, e que ainda está no mesmo lugar, mas com a mão que segurava o leque partida e ausente. A balança com pesinhos de variado tamanho, de

pesar só coisas leves, assim como umas gramas de farinha, de manteiga, ou assim a compor as receitas dos bolos das tardes de domingo.

A chuva a passar e eu a abrir a janela e as tanajuras a invadirem a casa. São assim umas formigas que ganham umas asas efêmeras, que caem logo. Julgo que só servem para tirá-las do chão molhado, à procura de um abrigo melhor. Mas são muito chatas e as pessoas matam-nas assim que podem, acabando-lhes com a raça, nem sei como não entram em extinção.

As nuances de cores que essa passagem da chuva para o sol trouxe neste outono vigoroso, só fizeram aumentar a minha melancolia, assim como um passado que veio agarrado nos seus tons como veículo, transporte mesmo.

Saí de casa, o bafio do interior asfixiava-me. Molhei os pés nas poças de água já quente por aquele sol inclemente, que veio resolvido a aquecer tudo que banhava em sua luz. Minha cabeça povoada de passados distantes e incômodos em tentativas de me retirar do presente, visões de ausências coladas ao passado, jogando-me longe dali, perturbando a minha existência com cheiros antigos.

Sentei-me naqueles bancos altos e desconfortáveis do balcão do bar do Manuel, sempre com a barba por desfazer, que lhe emprestava um ar porco e desleixado.

– Desce uma pinga daquela que escondes por trás da garrafa de gim, Manuel.

Desceu redonda, assim como um remédio, que me trouxe à realidade atual, nua e crua, mas elevou-me os pés dando-me aquela sensação agradável de flutuação, como quem tem pouco peso. Tirei dali o meu corpo antes que ele exigisse uma segunda dose anestésiante.

O sapateiro Carlos a compor o chão dos pés das pessoas, encurvado em seu trabalho solitário, sempre com ar triste, num olhar obstinado, entranhado nas costuras e a mente toldada no cheiro das colas das solas dos sapatos, que aspirava com força toda vez que tinha que utilizá-las, tirando-o daquela realidade de miséria.

Fui às compras, um bife no açougue do Capristano, naquele cheiro nauseabundo de sangue e gorduras, ele a manusear com maestria facas com gumes afiados de que sempre tive medo na infância, mas agora convenci-me de que são mais perigosas para quem as usa nas suas intenções.

Só faltava o pão para pôr o bife dentro, que comprei na padaria do Marcos, sempre enfarinhado com sorriso encardido e com mau hálito.

Assim compus meu jantar solitário, que acompanhei com um vinho alentejano caríssimo que havia guardado para as ocasiões especiais como esta. Depois fechei a janela, aumentando o bafio, liguei todos os bicos do gás, vedei todas as frinchas que consegui, deitei-me no chão da sala e jurei não me atormentar mais com as lembranças do passado.

Olhos secos, mirei pela última vez o teto branco e vazio como a minha vida, fechei os olhos e tentei adormecer eternamente...

Um ladrão chamado outono

Ítalo Ferreira da Silva

É incrível e estúpida a maneira como gastamos nossas vidas perseguindo o impossível; escrevo, enquanto vejo as folhas de outono caindo. Isso me faz lembrar Vitória.

Vitória era meu impossível e a seus pés eu era um menino, como o são todos os homens diante do divino e da mulher, que, num mundo de beleza e cruezas como esse em que vivemos bem poderiam ser o mesmo.

Não contarei como nos conhecemos, porque de uma maneira ou de outra, todos os encontros são iguais: um passeio despretenso pelo parque, uma festa entre conhecidos ou uma missa regada de floreios eclesiásticos e arrematada com exemplos morais de santos vivos e milagres caprichosos que faria com que o próprio Agostinho torcesse o nariz. Contarei como nos perdemos. Porque a perda, sim, e não a vitória, merece destaque. A perda que nos ensina, através da dor e da resignação, a continuar; ao passo que a vitória, com seus louros e sua paz efêmera, nos faz pensar sermos imortais.

Já fazia pelo menos um ano desde que eu havia descoberto aquele monumento de beleza e verdade que caminhava sobre sapatos de seda e desfilava pelas ruas exibindo um vestido de algodão e pureza. Nos encontrávamos na praça da cidade, protegidos por aquela cúpula florida que era a copa de um ipê amarelo. Deveria ter treze anos ou

alguma veneração absurda pela alquimia sentimental que os loucos chamam de amor, pois homem nenhum seria capaz de amá-la como eu o fiz. Havia um ano que eu sonhava em beber aqueles olhos de bruma, em ouvir os acordes que sua pele deveria emitir ao ser tocada e em devorar aquela rosa de canela e pecado que Deus achara por bem esculpir em forma de lábios. No entanto, minhas investidas, pouco seguras e menos ainda habilidosas, se viam frustradas por um simples sorriso. E dessa forma nos mantivemos castos ao longo de um ano.

– Tudo que conseguirá de meus olhos será meu olhar. Tudo que conseguirá de minha pele será meu perfume; e tudo que conseguirá de meus lábios serão poemas— me dizia Vitória, erguendo ao seu redor uma fortaleza de beleza e pureza. — Pois sou o outono.

Jamais entendi essas palavras; Vitória se devotava a essa estação como eu a ela.

Lembro-me daquela luz misteriosa que ardia em seus olhos quando parava para contemplar a cidade sempre que resolvíamos passear. Nunca compreendi bem o que era, até vê-la refletida em meus próprios olhos, e hoje posso afirmar sem medo: era saudade. Saudade daquilo que nunca fora e jamais poderia ter sido. Naquele tempo, quando eu a questionava sobre isso, Vitória sempre tinha uma resposta, ou melhor, um poema, na ponta da língua. Estivesse na rua ou na igreja, parava e me cravava aqueles olhos outonais, nos quais eu podia ver a mim e meu desespero refletidos como num espelho enregelado, e, em seguida, me tomando as mãos, declamava, com uma voz de rouxinol:

*O olhar é como um pássaro:
Voa livre e pousa quando e onde quer;
O observar é como uma pintura:
Aprisiona no quadro da memória;
E o contemplar é como uma oração:
Entrega a alma e recebe a paz.*

Nossos encontros tinham lugar na Praça Dona Umbelina Bueno, onde a Matriz Centenária de Santa Maria, com toda sua arrogância e elegância católica, nos lançava, do alto de sua glória, todo o peso e repreensão que duzentos anos de história poderiam conter. Defronte dela, erguia-se um monumento em homenagem aos Pracinhas da FEB e um pouco adiante, ao lado de um chafariz, que naquela época ainda funcionava, podia se ver uma plataforma de pedra trabalhada e, sobre ela, alguns bancos de madeira que ofereciam repouso e uma vista para as casinhas do centro. Era num desses bancos que Vitória e eu passávamos as tardes. E assim transcorriam nossos dias.

Em meados de março, as ruas derretiam de calor, implorando pelo outono e outono se fez. Mas eu o devolveria a Deus de bom grado se ele me devolvesse os meus dias. Aconteceu que, no mês de abril, Vitória deixou de ir à praça. De início pensei que estivesse doente, mas quando o calendário acusou uma semana de solidão, decidi fazer algo

a respeito. A bem da verdade, não fui exatamente eu quem a encontrou, mas sim ela a mim, não diretamente, como era de se esperar de sua pessoa. Duas semanas após seu desaparecimento, recebi das mãos de um menino que não tinha mais que um par de chinelos e uma moeda, um envelope. Era um poema de Vitória. Pareceu-me um convite, ou assim eu o interpretei. O fato era que dali três dias deveria voltar à praça, para uma “conversa urgente”.

Já não me aguentava mais de desejo, precisava de alguma forma provar, um pouco que fosse daquele paraíso de Vênus. Aos poucos, o fogo que me queimava o peito foi se convertendo em coragem e eu acabei por meter na cabeça que Vitória seria minha a qualquer custo. Passados os três dias, meu coração já não parava mais no peito. A cidade amanhecera vestida de um outono cinzento que destoava do carnaval de cores que assombrava as casas e lojas ao redor e o céu acima, pintado de chumbo, prometia uma leve chuva que ameaçava durar o dia inteiro.

Saí bem cedo naquela manhã e fui direto para a praça. Um vento frio varria as ruas de paralelepípedos da cidade, obrigando os passantes a se envergarem sobre seus casacos e a apertarem o passo; eu fazia o mesmo. Cheguei a tempo de me esconder sob uma marquise antes que o céu desaguasse. E lá fiquei espiando a vida passar enquanto esfregava as mãos na esperança de espantar o frio. Estava tão absorto em me manter aquecido que não percebi que alguém se aproximava.

– Deus deve estar muito triste para derramar tantas lágrimas – falou com uma voz de vidro.

Um sorriso me assaltou, aquele era o tipo de observação que Vitória faria. Ergui os olhos e, ao vê-la, tive um sobressalto. Era Vitória, que me lançava seu olhar de gelo. – Não tanto quanto eu – respondi, e tratei logo de interrogá-la sobre os dias em que estivera ausente. Confesso que esperava qualquer coisa, menos aquilo. Vitória deixaria a cidade, no dia seguinte. Em virtude de uma oportunidade de trabalho para seu pai, que era pedreiro, na ilustríssima cidade de Brasília. Levei algum tempo até me recuperar e quando o fiz, não consegui encontrar forças ou palavras para falar. Vitória então me tomou as mãos e me convidou para um último passeio pela cidade.

Aquela manhã nunca mais se apagou de minha memória. Lembro que caminhamos sob a chuva, de mãos dadas, ignorando as buzinas dos carros às nossas costas. Lembro que seu olhar, sempre curioso e vibrante, não descolava dos sapatos encharcados. O céu já vestia seu manto de estrelas quando a deixei no portão em frente à sua casa. Ficamos em silêncio por um tempo e, quando ela se aproximou para um último abraço e buscou meus lábios, me virei bruscamente e saí correndo, temendo que, caso a beijasse, Vitória se desfizesse de minha memória para sempre.

Na manhã seguinte, corri até a estação de Jaguariúna e pude ouvir, ainda na ladeira, o apito da Maria Fumaça se preparando para partir. Cortei a rua e alcancei a esquina, de onde pude contemplar a

locomotiva, envolta em fumaça e despedidas, abandonar, aos poucos, a cidade e fiquei a imaginar Vitória naqueles vagões, com a cabeça apoiada nas janelas e se esforçando para esquecer a mim e ao mundo que eu havia prometido a ela.

E desde então, passei a odiar o outono, que me roubou o amor e a alegria, deixando apenas lembranças e sonhos passados.

Saudade

Driely Meira

– O que é isso? – a garotinha perguntou, curiosa. Segurava em seus dedos uma flor diferente de todas as que já tinha visto. Era de um tom azulado mais intenso que o do céu, e ela a achara tão linda que nem mesmo arrancou as pétalas para cantar “bem-me-quer, malmequer”, como costumava fazer.

– Não sei dizer... É de uma espécie que eu nunca vi antes – a professora disse, ajoelhada ao lado da menina. – Mas nós podemos pesquisar, o que acha, Clem? – perguntou, já sabendo a resposta quando a garotinha sorriu, mostrando os buracos que os dentes recém-caídos deixaram.

– Posso levar pra casa? – a menina perguntou, esperançosa.

– Mas é claro. Esta pode ser a primeira flor da sua coleção – a professora pegou a mão que lhe foi estendida e caminhou com a menina de volta para a escola.

10 anos depois

– Brunnera? – perguntei, mordiscando a ponta do lápis e encarando Verônica com expectativa.

– Qual Brunnera? – ela ergueu uma sobrancelha.

– *Macrophylla*?

– Está perguntando ou respondendo? – inclinou a cabeça para o lado.

– Depende. Se está certo, estou respondendo. Se está errado, estou perguntando – girei o lápis entre os dedos, encarando minha amiga, ansiosa pela resposta.

– Noup – sorriu, balançando a cabeça e voltando os olhos para o caderno.

– É Brunnera, sim, nem tente me enganar! Olhe só os aglomerados, a coloração azul e as folhas peludas e... e as brancas prateadas! – gaguejei, lutando para encontrar qualquer outra informação relevante, mas meu cérebro parecia congelado.

– Características em três, dois... UM! – Verônica gritou, movendo-se lentamente em direção ao travesseiro mais próximo.

– Já falei! – gritei de volta, agarrando a primeira almofada que vi pela frente.

– Fale mais! – o primeiro golpe veio em direção ao meu rosto, e, distraída, esqueci de me proteger.

– Aargh! Que raiva! – berrei, atacando-a de volta. - Herbácea e rizomatosa!

– Que significa? – Verônica começou a rir quando tombou da cama em direção ao chão, me levando junto.

– Não sei – gargalhei. – Não lembro.

– É aquela coisa do caule! – Verônica resmunga.

– Droga – suspiro.

Ficamos em silêncio, ambas encarando o teto desbotado e com rachaduras.

– No que está pensando? – perguntou, fechando os olhos.

– Não sei – respondi. – Em nada específico, eu acho. – Respiro fundo, criando coragem para falar o que vem martelando minha cabeça há dias.

– Se for na prova de amanhã, você tira de letra. Sabe esse tipo de coisa desde que, sei lá, era um feto – ela riu, olhando-me de lado.

– Na verdade, desde a escola primária. – Sorrio.

– Já faz mais um ano, não faz? – perguntou, mordendo o lábio.

– Faz. Fez ontem, na verdade – respondi, respirando fundo e tentando espantar a tristeza.

Mais um ano juntas, e eu ainda não conseguia falar o que sentia.

– Acha que devemos comemorar? – ela fica de barriga para o chão, os pés balançando no alto.

– Não sei – murmuro, torcendo os dedos.

– Já disse que eu adoro o seu nome? – perguntou.

– Não hoje – sussurrei, tentando sorrir.

– Clementine – ela disse, os lábios formando a palavra como se a estivessem degustando, sentindo seu sabor. – Clemente, indulgente. Bondosa.

– Não usaria bondosa para me descrever. – Movi as sobrancelhas.

– Claro que não. Ninguém usaria – ela ri. – E o meu?

– Bom, existe um significado para Verônica. Mas também para a flor Verônica.

– Existe uma flor chamada Verônica?

– Existe. – Sorri, com ar sábio – São lindas. Na verdade, elas são conhecidas como Miosótis, e existe uma lenda interessante que diz que um cavaleiro se afogou ao tentar apanhá-la.

– Interessante ou trágica? – Verônica sorriu.

– Os dois. Por causa dessa lenda, a flor simboliza o amor sincero – respondi, olhando para nossos dedos entrelaçados. – E algumas pessoas também a conhecem por “Não me esqueças”. Mas... – paro, pensando se devo continuar. – Além de amor sincero, ela também significa martírio.

– Martírio e amor sincero? Como se relacionam?

– Não sei. Talvez quando o amor não é correspondido da mesma maneira, e se torna um martírio. No quesito sofrimento.

– E o significado do nome Verônica? – ela pergunta, perdida em pensamentos.

– Vitória, imagem verdadeira.

– Não está mentindo pra mim, né? – perguntou, tentando parecer brava.

– Eu nunca mentiria para você, Verônica – respondi, sincera.

– Não?

– Não. – Começo a me sentir nervosa com seus olhos analisando meu rosto.

– Então por que não me conta o que se passa na sua cabeça?
– Martírio. – Sorrio fraco, esperando que ela entenda.
– Por mim? Por nós? – sua voz está rouca, e a vejo lutando contra as lágrimas. – Aconteceu de novo, não foi? Assim como nas outras vezes, com outras pessoas, não é? Você cansou de tentar. – Quero balançar a cabeça para negar, mas meu corpo não me obedece. Ela recebe minha falta de ação como uma confirmação do que foi dito.
– Pode me acusar de interpretar errado, mas não diga que, neste caso, não estou certa.

– O.k.! – consigo responder, levantando um dos ombros em um gesto de derrota. – Desculpa.

– Por que não me disse antes? Há quanto tempo vem guardando isso? Dias, semanas?

– Um pouco. Não quis te magoar. – Minha voz treme enquanto luto para conter as lágrimas. Não tenho direito algum de chorar, tenho?

– Magoou. Não consigo olhar para você agora. Te ligo mais tarde, ou amanhã. – Ela se levanta de supetão, pega a mochila e sai, batendo a porta.

Espero sentir arrependimento ou mágoa, e começo a achar que nada acontecerá, quando elas chegam. Tentei não trazer as lembranças à tona, mas elas vieram, e foi como ser jogada no mar sem saber nadar. Sinto como se estivesse me afogando, afundando cada vez mais, e, no fundo do meu peito, longe de tudo e de todos, reaparece um sentimento angustiante e melancólico ao qual eu já estava acostumada.

Mas eu respiro fundo e o mando embora, até que um dia ele volta.

Dois meses depois

– Qual era o nome dele? Ou dela? – alguém se senta ao meu lado no balcão do bar, e não preciso olhar para saber que esse alguém está com uma bebida na mão e um olhar solidário no rosto. – Parece que te faz falta.

– Faz. – sussurro, com os olhos ainda cravados na minha imagem refletida no espelho da parede, os cabelos desarrumados, o rosto pálido e os olhos fundos, sem brilho, desesperados.

– Quer falar sobre isso? – Não respondo, e o estranho se aproxima mais. – Pelo menos o nome da pessoa, quem sabe você não se sente melhor?

– O nome dela? – pergunto, finalmente encarando o sujeito. Não percebo seu sorriso branco e perfeito, nem seus cabelos brilhantes e sedosos, muito menos a covinha em sua bochecha. Só vejo seus olhos e a maneira como são parecidos com os dela. Respiro fundo, e então parece que os últimos anos passam como um flashback em minha mente, me deixando atordoada por um segundo. Se arrependimento matasse, eu não estaria aqui.

Deixo um sorriso escapar por entre meus lábios ao lembrar do momento em que nos conhecemos, e percebendo finalmente que a perdi, respondo:

– Saudade. – Sinto as lágrimas rolarem pelo rosto, desenhando em minhas bochechas. – O nome dela era saudade.

Lá fora, as folhas caem.

50 anos

Regina Prieto

50 anos! Idade outonal!

O desfolhar das ilusões, mudança especial?

Novas aragens, vida que revigora?

50 anos outonais!... Me perguntei: E agora?

A juventude acabou... Foi-se, como o verão, embora?

Ou apenas se transformou por ora?

A serenidade, suave como os dias outonais, chega e aflora?

E vem a tranquilidade sem demora?

A sabedoria, luminosa como uma tarde de outono, chegou... Agora?

Ou foi se instalando hora a hora?

Nasceu a experiência como a aurora?

E o ocaso da vida a corrobora?

Apenas ver a vida passar lá fora?

Ou novos anelos brotarem como a flora?

Diferentes, novas e vívidas atitudes

em que tudo se modifica e melhora?

Então, percebi:

A vida ainda reluz como incandescente tora!
E tudo continua a se transmutar como outrora!
E os sentimentos, suaves borboletas,
ainda levam sonhos e quimeras vida afora!

E agora? ... 50 anos outonais? Não importa!
Pois tudo ainda esplende e comemora!

A negação do destino

Eugênio Borges

Quando o outono a acolheu,
Apanhou-a com surpresa no olhar.
Percorreu o chão de folhas secas,
Sentou-se exaurida, descrente.
Torceu seu destino, construiu possíveis realidades.
Fez ecléticas escolhas, filtrou vidas.
Bebeu sôfrega o néctar conseguido.
Amargou caminhos perseguidos.
Vestiu remendos passados.
Viveu bêbada de amor.
Abandonada, caiu no vazio abismo vital.

É o fim e o começo

Edimilson Eufrásio

Amanheceu

Depois de uma noite longa, interminável e traiçoeira

O cenário melancólico marca o fim de uma era

As folhas em motim, caem em tom de despedida

Anunciando a chegada do outono

São varridas pelo vento que, impiedosamente, leva tudo

E pelo caminho, folhas secas, maltratadas pelo tempo,

Parecem chorar pelo orvalho que as banhou

Aos poucos, vão se desfazendo, uma a uma, se dispersando

E a madrugada ainda fria, vela a minha dor que não tem fim

E caminho sem direção nessa estrada solidão, sem ter para onde ir

Talvez encontre uma cabana, uma casa qualquer de madeira

onde paro e repouso o meu coração por alguns instantes,

Enquanto me preparo para partir

Com o nascer do sol, ainda cinzento e tristonho

O seu olhar que ainda me persegue de forma irônica

Não sei se riem de mim, ou riem para mim

Sinto que a saudade chegou para destruir o

pouco da dignidade que ainda resta em mim

Acho que é o fim!

Plantar quase invisível

Everson Alves Miranda

A singeleza de se esculpir no dia a dia,
uma marca indelével no coração dos outros
através de atos ou palavras nunca pretendidos
como seminais, esclarecedores, reveladores ou possibilitadores,
não é quase sempre percebida por quem a faz.

No entanto, vez por outra
ela inesperadamente aflora ao autor.

Não necessariamente como atos ou palavras,
mas de toda a forma de expressão d'alma.

A surpresa de vê-la refluir em reconhecimento,
faz correr na mente uma gota doce de satisfação,
sorvida lentamente com notas instantâneas de memória
daqueles atos ou palavras,
sem pretensões maiores
no momento no qual se deram.

É o colher de um plantar quase invisível,
um outono de abundante plenitude
do qual não se sentiu árduo verão,
mas que comove e sacia uma fome
quase sempre não consciente

– e que, quando sim, não se avoca –
de prazer narcisista, indispensável ao viver.

Outono da vida

Maria Teresa Barreiros Pelica

A estrada nua percorro,
Nela o vazio por companhia,
E a aragem já fria do outono.
Já muito andei,
Já muito corri,
Sem nada encontrar.
Sem nada buscar,
Nada achei.
As árvores murmuram,
E já se agitam as poucas folhas.
Já sinto o outono a chegar,
E a mesma tristeza me vem
Murmurar: “Caminha apressada,
no fim desta estrada,
um dia alguém irás achar.”
Que é feito da minha Vida?
Onde a deixei?
A quem a dei?
Já nada mais resta,
Já nada tenho senão o vazio,
Que me faz frio.

Um frio intenso que sacode minha alma,
E grita-lhe que viva.
Não despreze a sorte,
Nem siga sem norte.
E... então na beira da estrada,
Restos de folhas, e ramos apodrecidos murmuram,
Ao som do vento já gélido,
No meio do negrume da noite que já se aproxima.
Mas, de repente,
No fim dessa estrada,
uma chama então achei,
E tudo abandonei!
Uma nova vida, uma nova esperança.
Nesse dia de outono, de folhas amareladas,
Eu vislumbrei!
Assim, nesse outono tristonho,
Sem nada a esperar,
De folhas partidas e árvores caídas,
Uma nova Vida eu comecei!

Mudanças

Iara Clarice Sabino

Caem gotas de chuva,
E dos meus olhos caem gotas,
Que não são de orvalho
Nem de cristal,
Mas de um vazio banhado de sal.

Faz sol,
Mas nuvens passam a todo o momento.

Esfriou o tempo,
Meu café esfriou,
E também os meus sentimentos.

E agora venta,
Um vento que traz mudanças.
Mudanças de estação,
Mudanças na rota do destino.

Minha vida acompanha o vento,
Que sussurra
Que eu também mudarei.

Estação

Vanessa Ratton

Outono em mim

Mais amena,

mais serena,

a essência.

Outono em mim

o vento me leva

deixo-me ir

mais nada me enerva.

Outono em mim

caem os velhos argumentos

permanece a inconstância

gritam os silêncios.

É

Outono

em

mim.

Outono

Cristina Bresser de Campos

Corpos preenchidos de nada.
Sombras soltas, folhas caídas,
Voam pelas paredes brancas
Expressões carregadas
De vida inflexível.

Homem-Lata sem coração
Mulher violentada sem sexo
Malas carregando a culpa
Gravatas apertando mais
Que a responsabilidade.

Corpos preenchidos d'água
Lado a lado ou perfilados
Que diferença faz
Se não tem pra onde ir.

Outonais dos acasos

Carlos Arinto

Somos pessoas, mas estamos sujeitos às leis da natureza.

No outono nos vergamos a uma desfolhada sem fim e sem cor

Para morrermos mais adiante, navegando nas primeiras geadas

Nos frios e nas tempestades que ainda são, apenas, ameaça.

É a margem do horizonte, é a água que se coa nas ribeiras da vida

São os teus braços estendidos para mim e os meus buscando os teus

É o despentear das carumas dos pinheiros, os primeiros arrepios

As diferentes tonalidades dos crepúsculos e dos raias em madrigal

Pingos de chuva salpicando a terra que pede repouso

Gosto que o outono me traga abraços, mel, fruta, pássaros

Que as noites sejam estreladas, frescas e alvoraçadas. Fico cativo,

Preso num mar, onde é possível navegar, desejo que uma nuvem

me ofereça carícias e um beijo. Tudo o que a vida tem, desejo!

Não tenho medo de seguir adiante. Quero ser um vento manso,

de rompante – porque tudo chega sem avisar – andar devagar.

Quero ser céu e bruma, nas pétalas de uma flor, numa onda de mar,

Um orvalho, estrume e noites infinitas na pérgola de um luar.

O outono traz-me a paz, a quietude e a lembrança de uma valsa.
A magia de um odor, o perfume de uma espiga, um jogo d'apanhada
De quando éramos criança. Roxo, vermelho, laranja e amarelos...
Folhas, luz, cogumelos.

Num tempo de frenesim que esmorece, uma guitarra que canta
No remoinho de um instante. Uma música, ao longe, que transporta
Saudades! Em sépia, a decomposição das castanhas e das bolotas,
Que caem no chão. Alfarroba de Segredos nos montes e nos matos.

Assim o outono se veste de farrapos, na cidade e no disfarce.

Eterno amor de outono

Wilson Duarte

Em um já longínquo outono a conheci.
A tarde, bonita, chegava ao final,
mesmo com a temperatura levemente fria,
bem típica do estertor dessa estação outonal.

Caminhava sozinho, eu e meus pensamentos
pelas ruas daquela pequena e linda cidade,
na qual precisava encontrar a residência
de determinada pessoa de avançada idade.

Sem pressa em encontrar tal endereço,
em ritmo de passeio, devagar andando,
as fachadas das casas pelas quais passava,
seguia, com interesse, observando.

Ao fim de cada quadra procurava
placas indicativas do nome da rua, de fato,
método este que se revelou pouco eficaz
em relação do meu desiderato.

O sol já se aproximara do horizonte quando decidi,
então, obter informações quanto a rua procurada.
em determinada esquina encontro alguém, uma jovem,
pouco mais de vinte anos, a quem a ajuda foi solicitada.

Por artes do destino, esta jovem sabia onde ficava a tal rua
e até a pessoa a quem eu procurava, ela conhecia.
E no mesmo instante, de maneira muito gentil,
dispôs-se a acompanhar-me nessa travessia.

Conversando muito durante todo o trajeto,
parte de nossas vidas, um ao outro, foi contada.
sem percebermos que uma longa história estava,
para nosso encanto, sendo iniciada.

Falando cada um acerca de si mesmo, aos poucos
descobrimos quão convergentes eram nossos ideais.
Com o passar do tempo o relacionamento se solidificou
E estamos juntos a mais de trinta estações outonais...

Às vezes no cotidiano

Iara Clarice Sabino

Hoje, assim como ontem, e exatamente igual à semana passada, estou no meu local de trabalho - a cozinha e a área de serviço. É o meu “vale a pena ver de novo”.

Algumas das personagens do meu mundo são: geladeira, fogão, liquidificador e máquina de lavar. Simples objetos dentro da realidade do espaço no qual atuo, e que, apesar de ser o meu ambiente, é apenas mais um lugar-comum, igual a tantos outros.

Qual é o meu nome? Prefiro não falar. Mesmo sendo a protagonista de minha história, prefiro ficar no anonimato, como uma forma de gratidão aos utensílios domésticos que me auxiliam no trabalho. Ou talvez, para ser solidária a tantas outras pessoas anônimas, que estão ocupadas desempenhando os seus papéis na novela da vida e que não me assistem e não sabem de mim.

Tudo está realmente igual, mas eu estou diferente. Hoje, percebi que um sol mais suave e uma brisa mais forte anunciam para as roupas que dançam no varal que o outono vai começar.

E, enquanto a máquina de lavar roupa heroicamente faz o seu trabalho, e o fogão encarrega-se de espalhar no ar o aroma quente dos temperos que fervilham nas panelas, eu penso em meio a baldes, sabão em pó, grampos de roupa, louças e panos de prato, que na rotina das

tarefas simples do cotidiano, onde quase sempre falta o brilho da novidade, às vezes sobra poesia.

Curitiba, a instável

Cristina Bresser de Campos

Disseram pro carioca que em Curitiba fazia frio no outono. Ah, é por isso que ele veio suando do hotel até aqui, coitado. Vai passar a tarde derretendo naquela sala e na hora em que for embora, o que era suor vai congelar contra a pele dele.

Dia de outono curitibano, típico. Li no jornal que até de tarde vai cair uns doze graus, no mínimo. Amanhã vai estar mais rouco ainda, quero ver ele dar aula.

Que nada, amanhã ele compra um gorro na Rui Barbosa e veste a camiseta branca de baixo, por cima da azul que tá usando hoje. Assim vai parecer que trouxe mais roupa e não morre congelado. Carioca nunca se aperta!

Escutei essa conversa entre o segundo e o terceiro andares, enquanto subia as escadas da biblioteca. Quando cheguei na sala onde seria a oficina de crônicas, compreendi quem era o assunto dos funcionários debochados.

Cumprimentei o professor e fiz um comentário banal sobre o tempo, afinal, essa é a maneira curitibana de se começar um diálogo. O clima é o quebra-gelos preferido das pessoas em Curitiba. Se está frio, a gente reclama. Se esquenta, reclamamos mais ainda – curitibano não está acostumado com tanto calor nesta época do ano!

Dizer que Curitiba tem as quatro estações no mesmo dia, apesar de clichê, não é exagero. Por mais quente que esteja, a gente não sai de casa sem levar uma blusa, em qualquer estação do ano!

O outono de Manuela

Eugênio Borges

À guisa de pensamentos policromáticos, vem-me sempre a lembrança do outono, não da primavera onde a vida explode em força depois do inverno frio e acolhedor. É no outono que a vida se despede do verão quente e cansativo e entra na transformação da vida nos preparando para o inverno. As nuances dos seus tons, onde as folhas ganham cores de um miríade amplo e finalmente quedam, fazendo sua compostagem, adubando os solos. Tempo dos sabores diferentes, mais adocicados, com aromas encorpados. Tempo que convida à meditação, ao isolamento depois do verão turbulento.

Do outono tenho a lembrança de Manuela, que surgiu plena de cores e como uma nuance desapareceu no inverno e nunca mais a vi. Trazia nos olhos o cansaço natural do verão e mergulhou tranquila no sossego do outono, aconchegando-se a mim como se fosse minha dona. Eu como um cãozinho mimado, deixei-me afagar e envolver pela sua magnitude fluida, atraindo o polo oposto. Prendeu-me, absorveu-me, lambuzou-me com seus néctares. Depois cansou-se e partiu nos primeiros ventos frios do inverno. Nem um voltar de cabeça, um derradeiro olhar, um adeus mais prolongado.

Sabe Manuela, poderíamos ter construído uma vida em conjunto com algo mais profundo, mas não deste tempo sequer da poeira baixar e deixar visível um horizonte mais amplo, mais palpável.

Nem sabe que quando partiste era o dia dos meus anos, não era ligada em coisas tais e eu intimidado nem disse nada e deste-me a rica prenda da tua ausência definitiva.

Depois caí em esperanças vãs, liquefazendo-me em poeiras translúcidas, que demoraram um tempo enorme a se dissiparem, percorrendo os cantos onde habitavas, relembrar teus trejeitos, que nem notavas que os tinha, como piscar nervosamente quando querias me convencer de algo, torcer teu pequeno lenço nas mãos quando tinha que aguardar por algo (não gostavas da espera), tossir várias vezes para chamar a atenção.

Onde se configurou o meu erro? Por que não o discutiste comigo? Por que essa exclusão da tua vida?

Infelizmente obtive as respostas a essas perguntas por Sofia que me informou da tua morte por câncer cerebral, meses após o teu sumiço de minha vida. O teu nobre espírito quis poupar-me do sofrimento ao teu lado. Soube que entraste em coma induzido, dois meses após ter me deixado e que não sentiste dores para partires.

Ficou tua lembrança mais limpa de ressentimentos, mais leve para ser lembrada com a paz que mereces. Ficou teu perfume agarrado aos primeiros ventos do outono, que todos os anos me trazem a tua presença etérea.

O outono chama-se Manuela...

Sorumbático amor

Maíra Marques

O parque da cidade já não era o mesmo. As crianças corriam entre as folhas secas ao chão, usando finos casacos que as protegiam do vento. Casaco. Algo que eu havia me esquecido de pegar quando saí daquela casa e decidi andar sem destino, mas a essa altura dos acontecimentos, não faria sentido. A brisa fria fazia com que os pelos do meu corpo eriçassem. Esfreguei os braços um ao outro, na tentativa de que a fricção me esquentasse, sem grandes resultados. Decidi que todo aquele esforço era inútil, então me sentei no banco daquela velha e antiga praça.

O banco não era um dos melhores: Estava sem encosto, e sua madeira estava gélida e úmida. Voltei minha atenção às crianças que brincavam por ali. Estavam debaixo de uma grande e antiga árvore (100 anos, talvez?), quase não se enxergava folhas entre tantos galhos à mostra. Levei as mãos até meu ventre. Seria este como o outono? Tão sem vida quanto as árvores parecem estar?

Hoje completo meu trigésimo aniversário, deveria ser um dia de grande alegria, mas ele me recebeu com frases atacando minha infertilidade. Queria gritar, expor minha dor, explicar o que estava sentindo... Mas...

Conhecemo-nos há cinco outonos. Acabara de sair do Teatro quando esbarrei com ele, ao fim da escura tarde. Estava encerrando seu

policiamento no centro da cidade quando me avistou. Um rapaz em seus vinte seis anos, de boa forma e educado. Convidou-me para tomar café, dizendo que ficara encantado com meu sorriso e carisma, e o quanto aquele clima fresco pedia por uma bebida quente! Trocamos telefones, mas resisti em dar um beijo nele ao me despedir. “Mulher tem que ser difícil”, dizia minha mãe, mas ao ameaçar entrar em meu antigo prédio, ele segurou minha mão e levou seus lábios aos meus. Seu beijo era quente como o verão se despedindo para que o inverno tomasse seu lugar. Um sentimento confortável invadiu meu estômago. Era amor.

Nunca acreditei em amor à primeira vista, até conhecê-lo. Nosso romance foi rápido. No outono seguinte estávamos noivos, e no ano posterior- casados. Éramos tão felizes... Ele em suas patrulhas diárias e eu em meus concertos. Nem parecia que acabaria assim...

Há alguns meses, ele cismou que estava na hora de sermos pais. Fiquei muito animada com a ideia, parei com os anticoncepcionais e fomos ao médico. Os exames de fertilidade foram realizados, mas os resultados não foram o que esperávamos... Ele era saudável, capaz de engravidar uma mulher... Mas eu? Ah! Eu teria dificuldades de engravidar, então o médico indicou um tratamento. Seguimos à risca cada prescrição, nos relacionamos nos períodos indicados e aguardamos... Nada. E de novo, mais uma vez, mais uma... O médico dizia que era necessário paciência, que no momento certo iria acontecer, que não era bom criar tantas expectativas, mas eu estava

envelhecendo. Logo a dificuldade aumentaria e meu sonho de dar um filho ao meu marido seria impossível de se realizar. O médico perguntou o que meu marido achava sobre uma possível adoção e ele quase quebrou o consultório. Fiquei aos prantos. A partir daí ele não quis procurar mais nenhum médico, disse que tentaríamos “por nós mesmos”.

Que grande erro cometi ao concordar com este absurdo.

Hoje é meu trigésimo aniversário, mas já comentei isto antes, certo? Sonhei que receberia flores ao acordar, e que iríamos passear juntos pelas ruas para observar a mudança de estação, e de mãos dadas acreditar que logo o outono tomaria espaço e que boas notícias haveriam de chegar assim como fora em todos os anos anteriores...

Coloquei a mão no bolso da calça. Calças masculinas tinham bolsos maiores, por isso optei em vestir essa ao trocar de roupa. Roupas sujam facilmente, independentemente do trabalho. Trabalhos podem exigir muito esforço, ainda mais se forem braçais. Braços femininos podem ficar muito fortes quando se está em perigo. Perigos nos fazem agir sem pensar. Pensar demais nos leva a loucura.

Retirei do bolso a pistola que ele guardava em sua gaveta de cabeceira. Havia uma única bala. Em minhas unhas ainda restavam o que secou do sangue dele. Eu não queria fazer aquilo, mas gritamos um com o outro, ele disse que estava com outra mulher, e que ela estava grávida. Disse que não suportava mais fingir que se importava comigo. Não suportei a ira da verdade e fui para cima dele com o punho fechado

a socos. Estávamos na cozinha. Ele me agrediu, me jogando no chão em meio aos talheres que puxei enquanto caía, então tentei me defender com uma faca... Acertei seu ombro, depois seu peito, sua barriga. Ele tentou fugir, implorou para que eu parasse, mas era tarde demais. O esfaqueei até que seu coração parasse de bater. A seguir, troquei de roupa, lavei as mãos, peguei a pistola e saí em busca de um lugar tranquilo...

Este parque, estas crianças. A brisa suave que toca em meu corpo e me faz sentir viva. As folhas amareladas marcando a mudança da estação favorita que não irei apreciar... Gostaria que tivesse sido diferente.

Desculpem-me.

Estágio, oh, estágio!

Everson Alves Miranda

Que tomou um tempo para as pessoas se acostumarem, ah, isto tomou. No entanto, aquele contraste dos cabelos brancos e óculos arredondados totalmente fora de moda com aquele calção curto (demais?) já não choca tanto quando ele sai do banheiro da faculdade, sacola a tiracolo, voltando à sua sala para os ajustes finais, principalmente, na amarração do tênis. Convencer alguém a adotar o esporte para, como muito comum, perder um pouco de peso, isto ele nunca conseguiu, mas certamente colocou algum...na consciência de uns.

– Vai fazer a sua caminhadinha?! – diz um.

– Vai fazer um Cooper?! – diz outro.

Muito raramente se ouve um:

– Vai correr?!

Ou mesmo o mais desejado:

– Vai treinar?!

Estas perguntas, mesmo que óbvias e pouco precisas por diminuir um grau da atividade, lhe dão satisfação, pois são aprovações, demonstrações de simpatia, de muitos àquela sua prática rotineira de fim de tarde, verificada também através dos acenos sorridentes e buzinas de muitos na volta para casa ao passar por ele que, no gramado do canteiro central da avenida em frente à faculdade, treina

frequentemente, num subir e descer de um trecho, milimetricamente demarcado por ele mesmo: 125 metros e 50 centímetros!

Era meio de semestre e aquele havia sido um dia duro de trabalho. O treino vespertino, feito ao sopro de uma brisa fria de outono, estava, na medida em que progredia, pesando em suas pernas, mas carregando-o de leveza, pois correr dava fim às preocupações, ansiedades e angústias do dia, como que as fixando nos pontos do gramado, coberto de folhas secas, dos quais os pés decolavam, buscando um lugar no futuro para, não somente o corpo, mas também a alma.

Num dado momento, ao girar ao fim da subida e preparar-se para o primeiro passo do trecho em declive, escutou:

– Professooooor, preciso falar com o senhor!

Era uma aluna que, ansiosa, mas já aliviada por encontrar o docente, mesmo que em situação pouco ortodoxa, se apressava em atravessar a avenida e ir ao encontro do atleta em (des)formação.

– Sim, o que você deseja...?!

– Preciso falar com o senhor. Já resolvi aquela questão de hoje cedo, mas agora - dizia ela na medida que se aproximava do professor já na descida do gramado.

A última coisa a lhe passar pela cabeça era parar o treino esporte-lazer-terapia-descanso-direito sagrado. Além da interrupção do treino (não caminhadinha, corridinha, Cooper...) muito antes do tempo desejado, violá-lo não poderia contribuir para uma lesão quando da sua

retomada?! Mas havia nele uma curiosidade: por qual razão ela se jogava ente os carros, indo ao encontro do professor em movimento? Qual seria a sua tão desconhecida e inimaginável urgência?

Na manhã daquele dia, ela o procurara para resolver um daqueles muitos, simples, mas daqueles muitos problemas relacionados à contratação de... estágio!

Estágio. Ah! Cornucópia de solução de todas as angústias existenciais profissionais de um aluno de engenharia; a realização da possibilidade do sonhado emprego em, geralmente, uma multinacional, a sua subida para o Olimpo dos estudantes, o nirvana tanto procurado desde a explosão de alegria da aprovação no vestibular!

Para alguém que reescreveria a famosa frase do treinador de futebol escocês William Shankly “Football's not a matter of life and death ... it's more important than that” como “corrida não é caso de vida ou morte, mas sim muito mais que isto”, ele sem saber o que fazer, sem querer ser deselegante, fez o “elegante” convite:

– Não posso parar, sinto muito, venha comigo.

E, surpreendentemente... ela foi. Braço apertando a bolsa ao corpo e mão firme na alça da mesma, como um soldado que firme empunha seu fuzil e avança, ela avançou galhardamente gramado abaixo! Duas voltas de passadas largas (550 m!), ritmadas, sem ofegar, para baixo e para cima, o suficiente para dirimir uma dúvida sobre... estágio.

Decidida e compenetrada como estava de resolver ali e naquela hora sua dúvida, mesmo que fosse um 100 m rasos, a São Silvestre, uma maratona ou corrida de qualquer sorte ela parecia que não desapunharia sua bolsa ou perderia a passada certa! Naquele fim de tarde quase não havia estudantes transeuntes. Sorte dela, sorte dele, pois certamente algum deles “youtubearia” aquela cena, variação inusitada de algo já considerado inusitado.

Estágio, oh, estágio! O que não se faz por um bom estágio...

Sobre os autores

Antonio Luiz Medeiros de Campos tem 19 anos, é nascido em Mairinque (SP) e atualmente reside em Alumínio (SP).

Carlos Arinto é um escritor português.

Cristina Bresser de Campos é formada em Comunicação (UFPR), tem proficiência em inglês pela Cambridge University, fez o curso Creative Writing da University of Edinburgh, na Escócia. Foi premiada com o primeiro lugar, com o conto *Captolium*, no I Concurso Literário do Núcleo Interdisciplinar em Direito e Literatura. Lançou seu primeiro romance, *Quase tudo é risível*, pela Editora Benfazeja. Participou da mostra *Literatura postal*, organizada pelo jornal Correio do Porto, de Portugal. Tem contos publicados em periódicos e revistas literárias nacionais e internacionais.

Driely Meira nasceu em Mairinque em 1998, e é residente de Alumínio (SP). Blogueira literária, contista e estudante de Letras na Universidade de Sorocaba (Uniso), participou das antologias *Amores (Im)possíveis* e *De repente, nós* da editora Andross, *Poderes e Monstros entre nós*, da Darda Editora, e *O parque – antologia de contos juvenis*, da editora Jogo de Palavras.

Edimilson Eufrásio é jornalista, autor de três obras literárias: *Lágrimas de Poeta*, *Regressando além das Letras*; e *Uma vez Poeta, eternamente Poeta*. É membro titular da Academia Jahuense de Letras.

Eugênio Borges tem mais de 70 prêmios literários, entre contos, crônicas e poemas, que foram publicados em antologias e na internet. Foi vencedor do prêmio Talentos da Maturidade 2011. Seu romance *Laranja Solidária* obteve medalha de prata no Concurso Internacional de Literatura 2013 da UBE-RJ. Tem um romance aprovado para publicação (*Labirinto Eterno*) numa editora do Rio de Janeiro (Editora 5W), em fase final de edição. Foi finalista do Prêmio SESC 2014. Tem um romance juvenil publicado: *Uma Luz no Fundo do Túnel*. Foi vencedor na categoria de livro de crônicas com o original *Crônicas*

Agudas no Prêmios Literários Cidade de Manaus 2014. Obteve menção honrosa no III Concurso Literário de Pernambuco 2015, com o livro de contos *O Sonho e a Dialética*. Foi vencedor na categoria livro de crônicas do Prêmio Literário Dalcídio Jurandir 2015 – publicado em 2016. Foi finalista em romance, com a obra *Angola Obstruída*, do Prêmio Rio de Literatura 2016. Foi vencedor do Campeonato de Escrita Criativa em 2017 em Portugal e publicou o romance *Nas Esquinas, A Saudade*, pela Chiado Editora.

Evandro Valentim de Melo é brasileiro; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador; e escritor. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e acolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e *Causos de RH: o livro* (Livre Expressão, 2011). Possui premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participação em diversas antologias.

Everson Alves Miranda, 59 anos, é mineiro, engenheiro químico e professor universitário. Casado, pai de dois filhos, reside em Campinas (SP). Publicou um livro de poesias: *Plantar quase invisível*.

Iara Clarice Sabino é graduada em Psicologia e Letras. Seu conto *Que Calor!* foi selecionado no Concurso Literário Delicatta V e publicado na Antologia *Cronistas, Contistas e Poetas Contemporâneos*, pela Scortecci Editora. Sua crônica *A Terapia Onírica da Roça* foi selecionada no 4.º Concurso Internacional Mulheres Escritoras e publicada na Antologia *Mulheres em Prosa e Verso – v. 04*, da Hoje Edições. Seu conto *O Velho Matador de Gatos* foi selecionado no 1.º Concurso Nacional de Contos Belacop e publicado na Antologia *20 Cabeças e 22 Contos Imperdíveis*, da Gráfica Belacop. Sua fábula *Branco e Preto* foi selecionada no Concurso Novas Fábulas Brasileiras e publicada na Antologia Infantil *Novas Fábulas Brasileiras – Uma Viagem de Sonhos*, da Litteris Editora. Publicou dois livros infantis: *Uma Canção para Marcelinho Sonhar*, pela Litteris Editora; e *O Guardião do Castelo de Marfim Contra os Monstros Grudentos*, pela Giostri Editora.

Ítalo Ferreira da Silva: “Nasci em pedreira, cidade de porcelana, mas passei minha vida toda em Jaguariúna, Estrela da Mogiana, onde reside não só meu corpo, mas meu espírito. Meu primeiro contato com a literatura aconteceu em algum momento do Ensino Fundamental, talvez fosse Cervantes ou Victor Hugo; mas só fui me apaixonar por essa arte mesmo no Ensino Médio, quando a solidão e a filosofia resolveram que enfim era momento de se apresentarem a mim. Foi Tolkien quem inflamou minha alma primeiro, e a mantive aquecida com um bostoniano e um corvo. Desde então, venho me aventurando por esse labirinto de folhas e intrigas, mas sem nunca ousar escrever um eu mesmo. E quando pensei que seria para sempre leitor, eis que a vida me surpreende e me põe uma caneta nas mãos. E cá estou eu hoje, escrevendo ou, como gosto de pensar, traduzindo sentimentos em palavras. Participei, recentemente, apenas de um concurso literário que tive a honra de ganhar, e que teve mais relevância pessoal que profissional. Um dos sonhos que carrego na mala, além de conhecer e, se possível, morar na Finlândia, é o de um dia publicar um livro, e nisso dedico boa parte do meu tempo”.

Joaquim Bispo é português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra uma vintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico.

Karoline Machado Póss – ou apenas Karol Póss, como prefere ser chamada – nasceu em 1998 e mantém seu blog pessoal, *Elfo Livre*, em um amor pela escrita que começou a se desenvolver desde a infância, quando rabiscava cadernos com pequenos poemas que se perderam com o tempo. Hoje, estudante do curso de Letras, com um pequeno público simpatizante com seu blog e com alguns textos já publicados em antologias, busca profissionalizar a sua paixão na meta de, algum dia, poder viver daquilo que ama. Enquanto isso, nas horas vagas se delicia em livros, filmes e seriados, adquirindo bagagem cultural e muito prazer.

Maíra Marques nasceu em Caraguatatuba, Litoral Norte de São Paulo. É pedagoga e psicopedagoga em formação. Leitora voraz desde pequena,

sempre se arriscou em rascunhos nunca antes expostos. Gosta de viajar e conhecer outras culturas, o que lhe agrega inspiração para escrever.

Maria Teresa Barreiros Pelica é licenciada em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras de Lisboa, e residente nos arredores de Lisboa, Portugal. “Lecionei durante muitos anos a disciplina de Inglês no ensino Público e Privado a jovens entre os 12 e os 18 anos. Atualmente já não estou a exercer, e dedico-me a outras atividades que fui deixando de parte enquanto professora, pois o ensino ocupa o tempo todo. Passei a ter mais tempo para me dedicar à escrita e também a fazer fotografia de uma forma mais séria, pelo que levo sempre a minha máquina comigo, pois há sempre momentos interessantes a registrar. Como blogger, partilho com os meus seguidores as minhas reflexões sobre as leituras que faço, especialmente no âmbito da Formação e do Desenvolvimento Pessoal, assim como outras questões inerentes”.

Regina Prieto: “Nasci no Estado do Rio de Janeiro, sou casada, mãe de dois filhos, professora. Aposentada, voltei-me para a criação literária. Escrevi contos, crônicas, poesias e livros. Fui agraciada no concurso de poesia da UFF 2014 ficando em terceiro lugar. Em 2008 participei do concurso de poesia Valdeck Almeida de Jesus e fiquei entre os selecionados para a antologia”.

Vanessa Ratton é jornalista, psicopedagoga, mestre em Comunicação e Semiótica. Atriz, diretora de teatro, autora de livros infantis, peças de teatro e poesias. Santista de nascença, mora na Ilha de Santo Amaro (Guarujá-SP) e organiza antologias e coletâneas para o Movimento Mulherio das Letras.

Wilson Duarte é graduado em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI – Associação de Escritores, Poetas e Trovadores de Itatiba-SP e pela Litteris Editora/RJ. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro *Comunicação de Sociedade – v. 1*, da Editora Cortez e anteriormente foi correspondente no Brasil da Revista KO Mundial, editada na Argentina.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em maio de 2018.